

ASPECTOS DA LÍNGUA LITERÁRIA DE VIEIRA NO
SERMÃO DA SEXAGÉSIMA

Horácio Rolim de Freitas
UERJ, LLP

Para um estudo da língua literária no século XVII, escolhi aquele por quem tenho profunda admiração: Pe. Antônio Vieira.

Nascido em 6 de fevereiro de 1608, estamos comemorando o seu quadringentésimo aniversário.

Nasceu em Portugal, mas veio, menino, para o Brasil, onde estudou no Colégio dos Jesuítas, na Bahia.

Alfredo Bosi diz: “Existe um Vieira brasileiro, um Vieira português e um Vieira europeu.” Portanto, Vieira também é nosso.

O texto escolhido é o *Sermão da Sexagésima*, proferido na Capela Real, em Lisboa, em março de 1655, onde o exímio orador expõe sua parenética, permitindo-nos apreciar as características do estilo barroco.

Para se ter certa dimensão de sua obra e de seus objetivos, é preciso lê-lo, lê-lo inúmeras vezes, haurir de sua logicidade o empenho que marcou a trajetória de um dos três maiores oradores que o mundo conheceu. Antecederam-no Demóstenes na Grécia e Cícero na Roma antiga.

Foi um verdadeiro agitador em favor dos índios e dos humildes. Sua linha de pregador foi por ele descrita na frase: *Ecce exiit qui seminat, seminare*. (Cristo diz “que saiu o pregador evangélico a semear”). Com base nesse “*exiit seminare*”, Vieira desenvolve sua parenética (< grego παραινετική), exortação sagrada, explicitando-a no referido sermão: “As partes que constituem o perfeito orador são três: ensinar, deleitar e mover.” Na lógica de Vieira, a função do orador não reside apenas no persuadir, mas “persuadir a agir bem e com justiça.”

A oratória de Vieira dominava o público ouvinte, ao mesmo tempo em que urdia críticas aos governantes e aos palacianos. Eis o trabalho do pregador: fazer frutificar a palavra de Deus. Quando não ocorre, diz Vieira, “é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes.” No não frutificar, os pregadores culpam os ouvintes. A esses responde Vieira:

“Os ouvintes, ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles grande fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito.”

Daí defender a doutrina que devem pregar os oradores. Ao fazê-lo, Vieira demonstrou coragem diante dos reis e da Inquisição. Não era o agradar a que visaria, mas ao fazer o bem.

Sempre baseando-se em passagens bíblicas, através delas explica a pregação:

“Brada, ó Pregador; e não cesses; levanta a tua voz como trombeta, desengana o meu povo, anuncia-lhe seus pecados e dize-lhe o estado em que está.”

No estilo de Vieira pode-se destacar o contraditório, por vezes paradoxal; a exposição do inverossímil, do aparentemente impossível, não doutrinando sobre o óbvio, mas procurando torná-lo estranho e surpreendente, eis o mistério das idéias traduzido pelo paradoxo, pelas hipérboles e pelas metáforas. Estas figuras, dentre outras, vão-nos traçando o painel do discurso parenético do orador. Aparecem as contradições entre o céu e o terreno; o materialismo e o espiritualismo; o claro-escuro, o fusionismo ou unificação dos detalhes. Chegamos, assim, ao princípio estético da época e do estilo de Vieira: o barroco.

Aqui, justifico esta breve introdução antes de abordar a língua literária através do estilo de Vieira, lembrando a lição de Sílvio Elia: “O estilo não é só o homem, mas o assunto, o tema, a obra. O estilo é, portanto, o homem e a obra. Acrescente-se, também, o *momento* em que se situa a visão do homem: é o vir a ser histórico, daí estilo clássico, barroco, romântico etc.”

O Barroco

O estilo barroco pretende traduzir o conflito espiritual do homem. Usa de temas opostos amor/ dor; vida/ morte, juventude/ velhice etc., cuja finalidade é infundir aversão à vida terrena e conduzir à vida espiritual. De suas características destaca-se o chamado fusionismo, isto é, unificação dos detalhes através da fusão da luz e das trevas, fusão do racional e do irracional, ausência de limites. Essa visão do barroco é bem explicada por Matias Aires, quando diz: “Vemos as coisas pelo modo com que as podemos ver, isto é, confusamente, e por isso, quase sempre as vemos como elas não são.”

Daí o homem barroco ser formado de inclinações opostas entre si, e tem nele uma propensão oculta, que, numa aparente busca, só procura mudanças. Ainda é Matias Aires quem nos diz que “a arte barroca traz consigo uma espécie de rudeza: a formosura atrai por si mesma, afasta-se da regularidade e, aí, se esforça e produz coisas admiráveis, ao fugir das proporções e das medidas cujo resultado é uma fantasia tosca, não polida, mas brilhante e forte.”

Essa fuga das proporções e da regularidade foi bem definida por Damaso Alonso, ao explicar a poesia castelhana na época de Góngora: “o gosto pelo conceito, a metáfora rebuscada e a complexidade.”

Em síntese, caracteriza-se o barroco pelo adorno, pelos efeitos contraditórios de cor, luz e obscuridade. Esta obtém-se através da metáfora, das inversões e da pomposidade das imagens. Há a preocupação de uma forma rebuscada.

Contudo, há de se distinguir dois veios do barroco: o cultista e o conceitualista. O primeiro visa a tornar a linguagem culta, a aristocratizá-la. É a preocupação de rebuscar a forma, através da metáfora, do hipérbato, da hipérbole, da mitologia. Ex.: “*Era do ano a estação florida em que o farsante roubador da Europa...*”, versos de Luís de Góngora em *Soledad Primavera*. Estação florida corresponde àquela em que o Sol entra no signo de Touro. Esse signo do Zodíaco lembra passagem mitológica que descreve a transformação de Júpiter em touro para raptar Europa. Essa é a descrição da primavera no mês de abril na Europa.

Conceptismo ou conceitismo: há o rebuscamento da substância, das idéias. Dentre várias figuras destaca-se a metáfora, mas a metáfora no seu aspecto intelectual.

Eis a vertente do barroco que marca o estilo de Vieira.

Cumpra, aqui, fazer uma distinção entre estilo literário e língua literária.

A língua literária é “a comunicação envolta na expressão.” (Sílvia Elia).

Já o estilo vai além da frase de Buffon: “*Le style est de l’homme même.*” Não é só do homem, mas da obra, do tema versado, o assunto, a obra e o momento.

Creio que por essa explicitação de Sílvia Elia se poderá melhor entender o estilo do Pe. Antônio Vieira. Eis que a língua literária que Vieira nos deixou se fundamenta no método parenético, isto é, *παραναιτική*, do verbo *παραναιέω* (exortar), daí a exortação, a eloquência sagrada.

Sua lógica é a base fundamental de seus raciocínios.

Santo Agostinho já ensinava que a regra de conhecer o verdadeiro sentido de qualquer texto é existir coerência com os antecedentes e os consequentes. O verdadeiro sentido do texto reside na concordância com o que ficou atrás e o que se segue adiante.

A técnica do estilo de Vieira se desenvolve através da dialética, do paralelismo bíblico, partindo da periferia para o âmago do assunto, como se pode constatar no Sermão da Sexagésima, onde, atacando a ordem religiosa dos dominicanos, combate o cultismo, expondo e aplicando a verdadeira arte de pregar.

Inicia o belo sermão com um paralelismo bíblico, através da passagem de S. Mateus, XIII, 3:

“*Ecce exiit qui seminat, seminare*” (Diz Cristo que saiu o pregador evangélico a semear a palavra divina.)

Assim Vieira desenvolve o seu raciocínio:

Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair.
Ah Dia do Juízo! Ah Pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais Paço; os de lá com mais passos.
Exiit seminare.

Aponta e critica aqueles que pregam nos palácios — os dominicanos que utilizavam as rebuscadas formas de cultismo. Diferentes são os que saem a pregar por toda parte.

Lembra outra passagem bíblica quando Cristo manda pregar os Apóstolos pelo mundo, com estas palavras: *Euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae* (Ide por todo o mundo e pregai a toda a criatura).

Os Apóstolos iam pregar a todas as nações do mundo: haviam de achar homens degenerados, haviam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras.

Destaquemos os traços marcantes do barroco: as perífrases verbais, repetindo-as, causa o eco. A metáfora visual: homens troncos, homens pedras.

O paralelismo bíblico: Vieira parte de passagem do Evangelho e a ela compara o fato terreno para o qual quer chamar a atenção.

O Semeador e a Seara: Nessa passagem, Vieira descreve as grandes dificuldades do semeador.

A maior é a que se tem experimentado na seara aonde eu fui, e para onde venho. Tudo o que aqui padece o trigo, padecemos lá os semeadores. Se bem advertirdes,

houve aqui trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido (*volucres coeli commederunt illud*), e trigo pisado. Tudo isto padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão. Houve missionários afogados, porque uns se afogavam na boca do grande rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha de Aroans; houve missionários mirrados, mirrados de fome e de doença, onde tal houve que, andando dias perdido nas brenhas, matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas. Não me queixo nem o digo, Senhor, pelos semeadores, só pela seara o digo, só pela seara o sinto. Para os semeadores isto são glórias: mirrados sim, mas por amor de vós mirrados afogados sim, mas só por amor de vós afogados; comidos sim, mas só por amor de vós comidos; pisados e perseguidos sim, mas só por amor de vós perseguidos e pisados.

Vieira, nessa passagem, compara o mundo com a natureza, representada pelo trigo, e a semente da religião, representada pelo pregador. Observe-se que descreve as fases por que passou o trigo, assim como as vicissitudes dos pregadores são os detalhes que carregam para uma unificação, traço esse do barroco conhecido como fusionismo. Outra marca do barroco reside em causar aversão à vida terrena, aproximando o fiel à vida religiosa, representada, aqui, nos pregadores afogados e comidos. Essa descrição que desagrada visa a outro traço do barroco: a estética do feio. Outros meios de traduzir o fusionismo estão presentes na parenética de Vieira: a ausência de limite na pontuação, predominando a vírgula e o ponto e vírgula, assim como a coordenação. O eco é outro expediente desse estilo para causar a repercussão fônica e melhor penetrar no ouvinte; faz-se, por exemplo, através da anáfora: trigo mirrado, trigo afogado, trigo_comido etc.

Ainda temos nessa passagem um exemplo da riqueza dialética de Vieira: o uso da ambigüidade quando diz: “trigo pisado, e os pregadores perseguidos e pisados”. O sentido de pisados, ao final, traduz magoados, ofendidos.

Crítica à pregação dos cultistas (religiosos dominicanos)

O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear: *Exiit, qui seminat, seminare*. “Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! Ver vir os tristes passos da Escritura, como quem vem ao martírio, uns vêm acarretados, outros vêm arrastados, outros vêm estirados, outros vêm torcidos, outros vêm despedaçados; só atados não vêm!

Pinta o estilo cultista com cores sombrias — é a estética do feio cujo objetivo é despertar a aversão para as coisas terrenas. Usa a aliteração e a anáfora que traduzem bem a imagem dos passos tristes, do arrastar, do acarretar,

do esticar, do despedaçar. É a visão que Vieira tem do discurso cultista: As palavras não comovem, entristecem, não salvam, martirizam, vêm arrastadas, sem unidade, não têm consistência.

É oportuno aqui lembrar a lição de Cícero no *Orator*, onde distingue a atuação dos sofistas e as do orador:

Importa distinguir a maneira do sofista da do orador, pois a pretensão deles é de enfeitarem de flores a eloquência, mas diferem dos oradores nisso: seu fim não é persuadir, mas agradar; no pensamento preferem o brilho à justeza; amam as digressões, as metáforas ousadas, servem-se das palavras como fazem os pintores com as cores.

Diz-nos Vieira:

Já que falo contra os estilos modernos, quero alega por mim o estilo do mais antigo pregador que houve no mundo. E qual foi ele? (Fonte da passagem: Salmo 18 de Davi: “E o Altíssimo fez soar a sua voz. E foram descobertos os fundamentos do mundo.”)

O mais antigo pregador que houve no mundo foi o Céu *Coeli enarrant gloriam Dei et opera manuum eius annuntiat Firmamentum* [Os céus descrevem a glória de Deus e o Altíssimo anuncia as obras (as criações) pelas mãos dele] Suposto que o Céu é pregador, deve ter sermões e deve ter palavras. As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de pregar do Céu, com o estilo que Cristo ensinou na terra. Um e outro é semear: a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregar há de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Sim, Padre, porém esse estilo de pregar não é pregar culto. Mas fosse! (Que importa?). Este desventurado estilo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condenam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estilo culto não é escuro, é negro e muito cerrado.

Compara a composição dos Sermões à formação celestial: em ambas há ordem, harmonia e curso. Quem semeia o faz com constância e com clareza, fazendo-se entender com a pregação do púlpito, não pela conversação exuberante da forma como quem ladrilha ou azuleja. Critica a linguagem eivada de ornatos através de metáforas, hipérboles, catacreses, trocadilhos e outras figuras, redundando na supremacia da imaginação sobre as idéias, sobre o raciocínio. Daí ser descrito como escuro, ininteligível, não atingindo o objetivo da semeadura.

Os cultistas têm desbatizados os santos e cada autor que alegam é um enigma. O Cetro Penitente dizem que é Davi, como se todos os cetros não foram penitência;

o Evangelista Apeles, que é São Lucas, a Águia de África, Santo Agostinho, a Boca de Ouro, São Crisóstomo (isto é: *Chrysós*: ouro e *stóma*: boca). Se houvesse um homem que assim falasse na conversação, não haviéis de ter por néscio? Pois o que na conversação seria necidade, como há de ser discrição no púlpito? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões deste gênero. Como semeiam tanta variedade, não podem colher coisa certa. Quem semeia misturas, mal pode colher trigo.

Outra crítica faz Vieira ao estilo cultista, rebuscado pelos ornatos. Aqui o uso da antonomásia, isto é, uma perífrase pelo nome próprio: Boca de Ouro, por Crisóstomo, o Cetro penitente por Davi. Pergunta se alguém que assim falasse não seria considerado ignorante. Se na conversação tal emprego seria uma estultícia, como há de ser julgada no púlpito?

Com a frase: uma mata brava, uma confusão verde, exemplifica o caráter pictórico do barroco, através da metáfora cultista, marca desse estilo decorativo para obter efeitos específicos. Ou seja, no cultismo, “há a preocupação com tornar a linguagem culta; há uma tentativa de aristocratizar a expressão literária”, repetindo aqui a lição de Domício Proença.

— Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje não pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras? Pois como não pregam a palavra de Deus?

— Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus. *Qui habet sermonem meum, loquatur sermonem meum vere.* — disse Deus a Jeremias.

Vieira parte do Capítulo XXIII, parágrafo 18, do livro de Jeremias: “O profeta que tem um sonho, conte o sonho; e o que tem a minha palavra, fale a minha palavra fielmente”

Pregar de — o posvérbio intensifica a idéia, expressa interesse. A dialética de Vieira em função de sua parenética. Aqui vale-se da indeterminação do substantivo palavras e do uso do artigo que marca o substantivo (Pottier — marco de classe). Distinção entre o conceptismo por ele utilizado e o estilo cultista dos dominicanos.

Eis a síntese do barroco conceptista na passagem: “As razões não hão de ser enxertadas, hão de ser nascidas. O pregar não é o recitar. As razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas à memória, e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento.”

Veio o Espírito Santo sobre os Apóstolos, e quando as línguas desciam do Céu, cuidava eu que se lhe haviam de pôr na boca; mas elas foram-se pôr na cabeça.

Pois por que na cabeça e não na boca, que é o lugar da língua? — Porque o que há de dizer o pregador, não lhe há de sair só da boca, há-lhe de sair pela boca, mas da cabeça. O que sai só da boca para nos ouvidos; o que nasce de juízo penetra e convence o entendimento.

Nesta passagem temos a síntese do barroco conceitista. Vieira, através da argumentação, de sutilezas do raciocínio, desenvolve o processo gerador por oposições.

O pregar — já aqui o infinitivo substantivado valoriza a ação — deve apresentar razões, motivos nascidos do entendimento. Diferente será o pregar recitativo, cantado com idéias de outrem. Estas ficam apenas na memória e não convencem, ao passo que aquelas, pelo entendimento, convencem o ouvinte.

Temos, assim, o princípio dialético (> *διά* = *através* — *λέγειν* = *discursar*, argumentar, daí a *διαλεκτική*, ‘raciocinar com método’, isto é, representa a incessante união dos contrários: é a tese e a antítese.

“As línguas, cuidava eu que se lhes haviam de pôr na boca (significa: haviam de ser colocadas na boca), mas elas foram-se pôr na cabeça (significa: elas foram-se pôr = dirigiram-se) personificação através da voz medial dinâmica. Daí a tese: *cabeça* = entendimento x antítese *boca* = memória sem convencimento; tese *do juízo* (convence, penetra) x antítese *boca* (para nos ouvidos).

Vê-se que Vieira tem um poderoso sentido de unidade. Aponta e critica a multiplicidade caótica em muitos pregadores; levantam muitos assuntos e não seguem nenhum. Condena a desagregação heterogênea e, aí, demonstra seguir, na defesa da unidade, a lição de Horácio:

Supõe-se que um pintor tenha a idéia de juntar à cabeça de um homem o pescoço de cavalo e cobrir de penas coloridas o resto do corpo composto de elementos heterogêneos; de tal modo que um formoso busto de mulher terminasse com a cauda de um peixe. A esse espetáculo, meus amigos, poderíeis conter o riso? (*Risum teneatis, amici?*)

Para concluir, chamamos a atenção para a ausência da obra de Vieira nos estudos linguísticos superiores, fato este muito precisamente explicado pelo Prof. Evanildo Bechara em artigo publicado em *Na ponta da língua*, onde nos diz:

A exemplaridade da língua de Vieira continua a ser amparo às lições de nossos gramáticos, até o momento em que, com o advento da perspectiva sincrônica in-

trovezada pelo estruturalismo linguístico, os clássicos foram postos de quarentena, quando não de todo abolidos, e com eles a língua literária, ainda a contemporânea, pelas hostes mais iconoclastas da linguística moderna.

Felizmente, passada a ênfase iconoclasta, já se vai a pouco e pouco revendo estes pontos de vista, com a ajuda de teóricos da linguagem, entre os quais Vittore Pisani, Antonino Pagliaro e Eugenio Coseriu.

Lembro, aqui, que conhecer a língua é conhecê-la em todos os seus níveis socioculturais e em todas as fases históricas por que passou.

Sigamos os ensinamentos do Mestre Bechara: Sejamos políglotas em nossa língua.

Referências bibliográficas

- ALONSO, Damaso. *La Lengua Poética de Góngora*. 3.^a ed. Madrid, 1961.
- BECHARA, Evanildo. “Vieira como Padrão de Exemplaridade”. In: Bechara, Evanildo et alii. *Na ponta da língua*. Rio de Janeiro: Lucerna/LLP, n.º 5, 2003, p. 200.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- ELIA, Sílvio. “A língua literária”. In: Bechara, Evanildo et alii. *Na ponta da língua*. Rio de Janeiro: Lucerna/LLP, n.º 4, 2002, p. 101.
- HADDAD, Jamil Almansur. *Os Sermões*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963.
- HORACE. *Oeuvres complètes*. Paris: Librairie Garnier Frères, tome deuxième, 1950.
- JUCÁ (FILHO), Cândido. “A projeção de Camões na literatura barroca”. *Revista Filológica*. Rio de Janeiro, n.º 2, 1955.
- PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de Época na Literatura*. Rio de Janeiro, Editora Liceu, 1969.
- SILVA EÇA, Matias Aires Ramos da. *Reflexões sobre a verdade dos homens*. Edições Cultura, s/d.